

O currículo manifesto como dispositivo para compreensão da ética: um estudo com alunos do curso de Jornalismo da Uesb¹

Afonso Ribas MOREIRA²

Ana Lúcia Aguiar ALVES³

Genílzia PEREIRA⁴

Victória LÔBO⁵

Flávia Moreira Mota e MOTA⁶

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista (BA)

Resumo: O presente artigo visa perceber como alunos do 1º, 3º e 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) entendem a ética e, a partir disso, observar o papel da matriz curricular, aqui entendida sob o conceito de currículo manifesto de Maria Inez Carvalho (1996), e sobretudo da disciplina Comunicação e Ética, como dispositivo para compreensão do assunto. Para isso, foi utilizado como método de pesquisa o grupo focal, com o intuito de traçar uma análise de cunho qualitativo, que tem como pano de fundo a abordagem fenomenológica-hermenêutica. Foi possível observar que, durante o curso, os alunos se deparam com a ética em diversas situações, mas não param para pensar sobre ela até cursarem a referida disciplina.

Palavras-chave: Compreensão; Currículo; Curso de Jornalismo; Ética; Moral.

Introdução

O estudo da ética, sobretudo da sua aplicação no âmbito profissional, está presente no currículo de quase todos os cursos de nível superior. Mas, antes de ingressarem na graduação, certamente, os alunos já discutiram em algum (ou alguns) momentos da vida escolar o que esse termo tão complexo significa e qual a sua importância para o ser humano. Na graduação, como é o caso do curso de Jornalismo, a disciplina que trata da ética se volta, sobretudo, para a apresentação dos códigos deontológicos que regem o exercício da profissão e que precisam ser tomados como base nas rotinas de trabalho. Porém, para que se discuta esses códigos e que se perceba o seu papel é necessário,

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduando do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Uesb. E-mail: afonsoribass@gmail.com.

³ Graduanda do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Uesb. E-mail: analucia.tcu@gmail.com.

⁴ Graduanda do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Uesb. E-mail: genilzia12@gmail.com.

⁵ Graduanda do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Uesb. E-mail: vliabff@gmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho. Professora auxiliar na Uesb, lotada no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Ministra disciplinas para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. E-mail: flaviamota2@gmail.com.

primeiro, que haja uma compreensão dos próprios aspectos que definem a ética propriamente dita, além daquilo que a diferencia da moral.

Nesse sentido, o presente artigo parte da seguinte questão norteadora: qual o papel do currículo manifesto e, sobretudo, da disciplina Comunicação e Ética no entendimento sobre a ética tido por discentes do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em seus percursos formativos? Busca-se, a partir disso, perceber como alunos do 1º, 3º e 5º semestre entendem a ética e como eles veem o papel da disciplina nesse processo de compreensão, no que diz respeito às expectativas, para aqueles que ainda não cursaram e no que diz respeito ao que foi percebido pelos alunos que já a cursaram. Considera-se a disciplina aqui enquanto um instrumento pedagógico que não ensina os alunos a serem éticos, mas lhes apresentam diferentes abordagens para a sua compreensão, bem como os códigos de ética profissionais. Além disso, propõe dilemas a serem discutidos, instiga e incomoda.

Para que o estudo fosse realizado utilizamos como método de pesquisa o grupo focal, que nos fornece elementos qualitativos para observar as compreensões dos alunos e, inclusive, gerar discussões sobre o assunto entre eles. Com isso, foi possível interpretar, com base no que foi percebido nas falas dos alunos, o modo como eles entendem a ética e traçar relações entre os diferentes níveis de compreensão, considerando que a pesquisa se baseia numa abordagem fenomenológica-hermenêutica.

Ética: raízes filosóficas e conceitos

Uma das principais problemáticas ao se estudar a ética é conceituá-la dentro de uma dimensão ampla, absoluta, sem que haja qualquer forma de contestação e de modo que ela possa ser utilizada, indistintamente, em diferentes lugares e circunstâncias. Esses questionamentos sobre a impossibilidade de uma ética absoluta nascem por estarmos vivendo em uma sociedade dinâmica, que está sempre passando por transformações políticas, sociais, culturais e econômicas, transformações essas que afetam o nosso ser e estar no mundo, pois, como afirma Vásquez (1997, p. 267) “as doutrinas éticas fundamentais nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e sociedades como respostas aos problemas básicos apresentados pelas relações entre os homens, e, em particular, pelo seu comportamento moral efetivo”.

Para uma melhor compreensão da ética é fundamental fazermos uma análise etimológica da palavra, considerando que essa análise nos ajuda a diferenciar o seu conceito do conceito de moral. A palavra “ética” vem do grego *ethiké* e apresenta uma dupla etimologia já vista antes por Aristóteles, o qual a relaciona com *éthos*, que, por ser escrito com a vogal longa, agrega o sentido de carácter. Nessa perspectiva, a ética pode ser entendida como algo intrínseco ao homem, interior (caráter), referente a uma interpretação íntima e a uma conduta particular do ser.

Já a raiz da palavra “moral” vem do latim *mores*, que significa costumes. Assim, a moral está atrelada a regras, hábitos exteriores que podem ser internalizados e seguidos para o bom convívio entre os membros de determinada sociedade, sendo, portanto, fruto do padrão cultural vigente: “o conjunto de prescrições admitidas numa época e numa sociedade determinadas” (CORNU, 1994, p. 35).

A confusão na definição dos conceitos de moral e ética se deve, principalmente, ao fato de não poderem ser vistos dissociados, pois, como aponta Cornu (1994, p. 37), “a moral cumpre uma tarefa de regulação facilitada pela publicidade dada às suas normas, enquanto a ética cumpre uma função de legitimação ao interrogar essas próprias normas”. Vázquez (1997, p. 14), também confirma essa relação: “a ética não é a moral e, portanto, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral efetiva e, neste sentido pode influir na própria moral”.

Podemos perceber que, enquanto a moral se ocupa de regras e padrões de bom convívio social, podendo ser alterada a depender do contexto geográfico, social e histórico, a ética se põe a observação dos valores morais que orientam o comportamento humano diante de algo específico e que deverá sofrer uma ação particular do indivíduo. “Se a moral está marcada com o selo da história presente ou passada, a ética concerne à teoria e à prática morais, consideradas do ponto de vista de uma situação fundadora” (KREMER, 1989, p. 7).

Ao se aprofundar na definição do conceito de ética, Vázquez a identifica como uma ciência:

E, como ciência, a ética parte de certo tipo de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais. Neste sentido, embora parta de dados empíricos, isto é, da existência de um comportamento moral efetivo, não pode permanecer no nível de uma simples descrição ou registros dos mesmos, mas os transcende com seus conceitos, hipóteses e teorias (1997, p.13).

Como ser social e histórico, alvo e provocador de situações e problemas, o homem foi construindo, ao longo dos tempos, princípios, valores e normas, subjetivos, por conta da percepção da realidade, e objetivos para o efeito pretendido. Vázquez (1997) afirma que a teorização desse processo construtivo remonta à Grécia Antiga, primeiramente com os sofistas, cuja principal defesa é o relativismo. Isso é sustentado pela máxima do filósofo Protágoras que diz que “o homem é a medida de todas as coisas, das que são, que são, das que não são, que não são”, assim o homem interpreta e age deliberadamente sem quaisquer pressões prescritivas ou normativas com possíveis consequências.

Nesse sentido, de acordo com Vázquez (1997), os sofistas defendiam que as coisas (situações, problemas) não existiam em si, nem independentes de si, se existiam, existiam para alguém e enquanto e como esse alguém a percebia. Como confirmação, a retórica é usada como elemento para elaboração de argumentos de análise das situações, o que muitas vezes incorria na remoção de qualquer responsabilidade do indivíduo. Sócrates foi além dessa concepção sofista e defendia que a ética estava ligada às virtudes, valores pessoais e conhecimentos para a construção da felicidade plena do indivíduo:

(...) a ética socrática é racionalista. Nela encontramos: a) uma concepção do bem (como felicidade da alma) e do bom (como o útil para a felicidade); b) a tese da virtude (areté) – capacidade radical e última do homem – como conhecimento, e do vício como ignorância (quem age mal é porque ignora o bem, por conseguinte, ninguém faz o mal voluntariamente); e c) a tese, de origem sofista, segundo a qual a virtude pode ser transmitida ou ensinada (VÁZQUEZ, 1997, p. 270).

Sendo assim, para Sócrates, os sentimentos como bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente: os seres humanos só agem de forma correta quando conhecem o bem e, ao conhecer, o pratica. No processo de decadência e ruína do mundo antigo grego surgem o estoicismo e epicurismo, tendo como seus principais representantes, respectivamente, Zenão de Cítio e Epicuro. O meio necessário da moral não é mais a comunidade social e política, defendido por Aristóteles e Platão. Para eles, a moral agora se define em relação ao universo e a premissa da ética é a física. “Para os estóicos, o mundo ou cosmos é um único grande ser que tem Deus como princípio, alma ou razão (...). No mundo acontece somente o que Deus quer, e, assim, domina ele numa fatalidade absoluta, não existe nem liberdade nem acaso (VÁZQUEZ, 1997, p.235).

Assim, o homem é obrigado a aceitar seu destino e agir com consciência nele, com o viver fundamentado na razão, sem se deixar levar por paixões ou apego a coisas

interiores ou exteriores. O estoicismo considerava a apatia e a resignação como a conquista da liberdade interior do indivíduo, ficando este moralmente sem carecer da comunidade como espaço indispensável da vida moral. Os epicuristas desassociaam a vida do homem da intervenção divina. Sobre isso, Vázquez (1997) afirma que, para os epicuristas, tudo o que existe, incluindo a alma, é formado de átomos materiais que possuem um certo grau de liberdade, na medida em que podem se desviar ligeiramente na sua queda.

Seguindo o viés do “homem em si mesmo”, temos o pensamento da ética em Immanuel Kant, que diz que “o homem como sujeito consciente ou moral é ativo, criador e está no centro tanto do conhecimento quanto da moral” (VÁZQUEZ, 1997, p. 282). Para o filósofo, a ética é autônoma, comum e postulada de deveres aos homens sem distinção. Nesse sentido, a lei que rege a consciência do ser não vem de fora, concebendo o comportamento moral como pertencente a um sujeito livre, ativo e criador.

Se o homem age por puro respeito ao dever e não obedece a outra lei a não ser a que lhe seja dita a sua consciência moral, é – como ser racional puro ou pessoa moral – legislador de si mesmo. Por isto, tomar o homem como meio parece a Kant profundamente imoral, porque todos os homens são fins em si mesmos e, como tais – isto é, como pessoas morais -, formam parte do mundo da liberdade ou do reino dos fins (VÁZQUEZ, 1997, p.283).

O antropocentrismo de Kant, que trata o homem como fim ou como sujeito que gira ao redor do objeto, mantém raízes no entendimento da ética atual, como diz Vazquez (1997). Assim, o autor considera que, como teoria de uma forma específica do comportamento humano, a ética não pode deixar de partir de determinada concepção filosófica do homem.

A ética no currículo de curso

O estudante de jornalismo tem na matriz curricular de seu curso disciplinas de cunho teórico discursivo e prático experimental, com o objetivo de formá-lo para que ele possa desenvolver uma atuação proficiente e também crítica no mercado de trabalho. No campo específico das disciplinas teóricas, é ofertado ao aluno a disciplina de Ética, que tem como uma de suas funções fundamentais apresentar aos discentes os códigos deontológicos que deverão nortear a sua postura no âmbito das decisões que deverão ser tomadas no cotidiano da profissão. Nesse sentido, a ética, segundo Karam (1997), é posta

como uma teoria que reflete sobre a moral e os valores da profissão, sendo a prática profissional, desse modo, também um momento constitutivo de uma nova possibilidade de afirmação dos mesmos.

Muito se questiona sobre a possibilidade de se ensinar a ética por meio da mediação de um sujeito – no caso o professor – no âmbito de uma disciplina específica em um curso de graduação. Nesse sentido, são muito pertinentes as reflexões que buscam entender quais são ou devem ser os principais objetivos do estudo da ética dentro de uma matriz curricular e o seu papel na formação profissional de sujeitos em diferentes áreas ou campos do conhecimento, pois, como ressalta Santos (2001, p. 53):

O ensino de uma matéria como a ética coloca problemas pedagógicos muito específicos, impondo, por conseguinte, estratégias pedagógicas bem adaptadas a tais problemas. Não se ensina ética como, por exemplo, se ensina física ou biologia. A vida e o comportamento dos humanos, que é o objecto sobre o qual se debruça a ética, nunca poderá ser vista com a neutralidade científica com que observamos a vida das bactérias ou o comportamento dos electrões.

Christofoletti (2008) afirma que, no campo da Comunicação em geral e no Jornalismo, especificamente, as disciplinas que tratam da ética profissional possuem referências escassas sobre o seu ensino e, comumente, encontram impasses para suas operacionalizações. Além disso, na maioria dos cursos de Jornalismo espalhados pelo Brasil, os conteúdos de deontologia são oferecidos junto com os de legislação na área. Duas questões apontadas pelo autor são fundamentais para que se possa pensar os meandros que envolvem essa problemática e, ao mesmo tempo, são também algumas das perguntas a serem levadas em consideração no presente estudo: “como os conteúdos deontológicos aparecem nos currículos? E como os cursos oferecem esses saberes?” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 3).

Em geral, os objetivos da grande maioria das disciplinas que tratam da ética em cursos de Jornalismo são similares, tendo em vista apresentar aos discentes conceitos e parâmetros elementares par Jornalismo. Essa perspectiva se aproxima da concepção apontada por Eugênio Bucci do próprio Jornalismo enquanto um lugar detentor de uma ordem ética por si só:

Tanto as faculdades como as redações, tanto as empresas como os sindicatos e associações profissionais ou empresariais, têm o dever de cultivar a noção de que o jornalismo, acima de tudo, é uma ética. Não é uma técnica fria, mas uma relação de credibilidade pela qual os profissionais são autorizados a informar o cidadão de forma

equilibrada, voltada para a verdade dos fatos. Nas escolas, isso se traduz por currículos que contemplem não apenas a existência de uma disciplina sobre ética, mas o compromisso ético como fundamento de cada uma das disciplinas. (BUCCI, 2000, p. 203-204).

Tal entendimento é similar ao conceito de cultura ética explicitado por Santos (s.d), que, segundo ele, consiste em um estilo particular de pensamento e numa reflexão viva que o profissional da comunicação deve conhecer por dentro. Seria o papel de levar ao aluno o conhecimento profundo acerca dessa cultura ética que cumpriria a disciplina de Ética nos cursos de Comunicação/Jornalismo. Desse modo, Santos (2001) a considera fundamental, mas ressalta que o seu ensino enquanto matéria universitária não é e nem deve ser doutrinário ou ter um caráter catequizante, o que a difere, desse modo, do conceito de moral. Para o autor, o estudo da ética deve exigir, portanto, “a compreensão de saberes e tradições teóricas que se foram acumulando ao longo dos tempos, e que formam, ainda hoje, estratos sucessivos e sobrepostos do solo cultural em que pensamos a vida dos humanos e as normas que devem orientá-la” (SANTOS 2001, p. 53-54).

Todavia, tão importante quanto o papel de fazer com que os alunos conheçam os códigos deontológicos e éticos que devem orientar o seu fazer profissional jornalístico no mercado de trabalho e também já na vida acadêmica (oficinas, estágios), a disciplina que trata da ética nos cursos de Comunicação deve cumprir ainda o objetivo de fazer com que os estudantes compreendam o próprio conceito de ética e suas diferentes perspectivas de abordagem. Tal aspecto da disciplina também deve compor o currículo e é com objetivo de perceber a compreensão de alunos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) acerca da ética em si e não, necessariamente, das normas e valores éticos que devem orientar a profissão, a que se propõe esse artigo. Considerando que a disciplina de Comunicação e Ética, nome pela qual recebe a disciplina que trata da ética no currículo do curso de Jornalismo da Uesb, é fator preponderante para isso, esta pesquisa foi feita com alunos que ainda não a cursaram e com alunos que a cursaram recentemente, com o objetivo de perceber o entendimento da ética por parte desses estudantes, de modo não só a perceber a evolução da percepção do conceito de ética ao longo dos semestres, mas também traçar breves relações comparativas que permitam entender o papel da disciplina nessa compreensão, considerando o entendimento da ética entre aqueles que cursaram e aqueles que ainda não cursaram.

Parte-se, nesse sentido, da perspectiva deliberatória do currículo apontada por Maria Inez Carvalho em artigo publicado em 1996. Essa perspectiva parte do entendimento de que o currículo de curso não denota apenas o que será dado em uma disciplina: mais do que isso, ele deve ser um agregador do espaço de formação social das pessoas que estão envolvidas no contexto escolar, o que o identifica, desse modo, segundo Carvalho (1996) como um processo social.

De acordo com a autora, enquanto um processo, o currículo se constitui de três modos ou se desmembra em três: o currículo manifesto, o currículo oculto e o currículo nulo. O currículo manifesto está diretamente relacionado com o que a instituição escolar deseja passar ao aluno, com o que o professor deve ensinar seguindo uma concepção previamente planejada, ou seja, de uma maneira sucinta, diz respeito a todo o conjunto de tarefas e atribuições da escola publicamente anunciadas sobre os objetivos pretendidos para a formação do aluno. Já o currículo oculto, para Carvalho (1996), é o que os estudantes têm oportunidade de aprender através dos acontecimentos cotidianos que ele vivencia no interior da instituição de ensino. O currículo nulo, por sua vez, é definido pela autora como tudo o que o aluno aprende “fora dos auspícios da escola” (1996, p. 140). O entrelaçamento do currículo manifesto, oculto e nulo, no ato da troca de relações no ambiente escolar vai perpassar o que é planejado. Para a análise realizada nesta pesquisa, tomamos por base o currículo manifesto, que respalda aquilo que é formalizado como objetivos e plano de ensino da disciplina Comunicação e Ética no curso de Jornalismo da Uesb.

No curso, que tem entrada de novas turmas por ano, a disciplina é oferecida para os alunos do 5º semestre, uma vez por ano, com a carga horária de 60h e quatro créditos. Segundo a ementa, a matéria tem como objetivos: pensar a ética como orientação básica no exercício profissional do jornalismo; analisar os fundamentos da ética presentes na comunicação social enquanto exercício de liberdade e responsabilidade nos meios informativos; e refletir sobre o papel do comunicador/jornalista na contemporaneidade à luz dos aspectos éticos e deontológicos.

Percurso metodológico

Ao levar em conta o papel da disciplina no fornecimento de elementos para a compreensão do conceito de ética, foi realizado um grupo focal no dia 24 de outubro de

2017, na sala 3 do Módulo 2 de aulas, localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), instituição de ensino onde estudam os pesquisados. Participaram do grupo focal três alunos do 1º semestre, três alunos do 3º semestre e 2 alunos do 5º semestre.

Considerando que a disciplina de Ética é dada no curso de Comunicação da Uesb no 5º semestre, o objetivo da atividade foi compreender como os alunos que ainda não a cursaram entendem a ética e como eles acham que a disciplina irá contribuir para esse entendimento. Em paralelo, buscou-se perceber também como os alunos que já cursaram a disciplina compreendem a ética e como eles avaliaram o papel da mesma nesse sentido, para que pudéssemos traçar uma outra avaliação acerca da forma com que a matéria atua, enquanto parte do currículo manifesto, nesse processo, já que diferenças na atribuição de sentido ao termo poderiam ser percebidas durante a discussão.

Como os alunos do curso de Jornalismo da Uesb trocam experiências no mesmo ambiente, é interessante utilizar a pesquisa qualitativa feita por grupo focal, para fundamentar uma análise de cunho fenomenológico-hermenêutico, que busca ter uma compreensão acerca dos relatos dos participantes, levando em conta ainda que eles compartilham uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

Para Dias (2000), os métodos qualitativos são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos. Sendo assim, uma análise qualitativa se baseia em dados subjetivos, que não são passados em números.

Pensar a formação exige esse cuidado maior com as entrelinhas, vivências e histórias de vida dos pesquisados. O embate entre pesquisador e pesquisado traz “no âmbito da face visível da formação: a consciência desperta e o pensamento racional” (JOSSO, 2004, p. 223). Desse modo, o método fenomenológico hermenêutico:

Utiliza-se fartamente de relatos descritivos das características do fenômeno em estudo; porém, não de forma passiva, mas por uma reflexão que permita interpretar tais relatos, objetivando por a descoberto as características, as categorias, os sentidos menos aparentes, aqueles mais fundamentais do fenômeno (COLTRO, 2000, p. 42).

Isso se dá através do círculo hermenêutico, que coloca o processo de interpretação como Compreensão – Interpretação – Nova compreensão, sempre de maneira circular e

inacabada. Sendo assim, a interpretação de dados nesta pesquisa acontece da seguinte maneira: 1) reunião de dados; 2) análise de uma interpretação desses relatos; 3) nova compreensão do fenômeno (COLTRO, 2000).

Partindo desses pressupostos, o grupo focal foi realizado nesta pesquisa para ser um instrumento de chegada a essas compreensões sobre ética nos diversos semestres participantes do encontro. Aschidamini e Saupe ((2004) citam Bleger (1998) para explicar que os integrantes do “grupo operativo”, o grupo focal, não só aprendem a pensar, como também a observar e escutar, a relacionar suas opiniões com as alheias, a aceitar pensamentos e ideologias diferentes das suas, integrando-se no trabalho em equipe.

O grupo focal representa uma fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade. Desenvolve-se a partir de uma perspectiva dialética, na qual o grupo possui objetivos comuns e seus participantes procuram abordá-los trabalhando como uma equipe. (BACKES et al., 2001, p. 439)

BACKES et al. (2001) explicam ainda que o grupo focal deve ter entre 6 e 15 participantes que tenham vivências compartilhadas, para que possam falar com a mesma autoridade sobre a temática proposta. Desconsidera-se, dessa forma, a idade, classe social, e foca-se na narrativa compartilhada no momento do confronto. O coordenador do grupo exerce um papel de intermediador desse confronto. No percurso metodológico desta pesquisa, o grupo focal se encontra como base de um diálogo de confronto que gerou compreensões sobre as compreensões que os alunos têm sobre a ética antes e depois de cursar a disciplina de Comunicação e Ética no curso de Jornalismo da Uesb.

Para uma análise de compreensões sobre a ética

Para realizar o grupo focal, foram utilizados dois artifícios – uma tirinha e um vídeo – para provocar a discussão sobre o assunto focado. Primeiro, foi feita a exposição e leitura de uma tirinha da personagem Mafalda, em que é apresentada uma situação em que ela é confrontada eticamente, tendo que tomar uma decisão. O mais interessante da tirinha é que, apesar de não abordar explicitamente o conceito de ética, ela transmite uma percepção que torna possível o debate e, desse modo, uma melhor

compreensão sobre o assunto. Desse modo, a tirinha foi utilizada intrinsecamente com a função de servir como uma questão norteadora para a discussão do grupo focal.

Imagem 1: Tirinha da personagem Mafalda utilizada no grupo focal



Fonte: Blog Cursar & Aprender

Ao relatar a sua compreensão, a aluna A do 1º semestre relacionou diretamente o inquilino ao qual a personagem Mafalda se referiu como o senso de ética responsável por definir o seu comportamento ou nortear a sua decisão diante da situação a qual foi submetida, que, segundo ela, parte de uma consciência individual criada e mantida, sobretudo, através do sentimento de culpa e do conhecimento social daquilo que é convencionalizado como certo e errado.

Teoricamente, não é uma coisa que vem dela puramente, porque o instinto dela foi ficar com o troco da padaria e se beneficiar com isso, mas toda uma série de valores falaram mais alto, porque desde pequeno (...) lhe é ensinado, através da culpa, a ter esse sentimento de cumprimento de dever, um mecanismo usado para te colocar essa consciência (ALUNA A – 1).

O aluno A do 3º semestre também relacionou a decisão tomada por Mafalda com o sentimento de culpa que ela sentiu pelo simples fato de ter pensado em ficar com o troco. A aluna B do 1º semestre ressaltou que, muitas vezes, mesmo o indivíduo tendo consciência de que vai ou está fazendo uma coisa errada, ele a faz do mesmo jeito, o que torna, portanto, esse processo uma escolha subjetiva, que faz parte, nesse sentido, do processo de reflexão ética. “Te ensinam uma coisa e isso não significa que você vai seguir e é isso que diferencia as pessoas” (ALUNA B – 1). Percebe-se, com isso que, de modo indireto, os referidos alunos falaram sobre a ética e o agir humano, sem de fato ter nominado tal processo de tomada de decisão como um dilema ético, instituído na escolha individual, mas calcado na moral social.

Após a afirmação da Aluna B do 1º semestre, o aluno B do 3º semestre comentou que essa diferenciação equivaleria a uma distinção entre “pessoas éticas” e “pessoas antiéticas”, definindo desse modo, a conduta ética como algo permanente do indivíduo e não como algo que parte de uma situação, de um se deparar com. “Às vezes os mesmos valores são passados para as mesmas pessoas de determinado grupo social, só que cada uma, de acordo com a vida dela, tem um comportamento diferente. Um se tornam éticas, de acordo aos padrões, e outras não” (ALUNO B – 3). Ao considerar a discussão traçada anteriormente, vê-se que essa é uma visão equivocada, já que a ética se relaciona muito mais com o estar do que com o ser.

A aluna C do 3º semestre discordou dessa última visão. Ela afirmou que não são as pessoas, mas são as ações que podem ser consideradas como ações éticas ou ações antiéticas. “Para poder saber o que é ético ou não, existe o padrão que é estabelecido, que faz com que a gente possa fazer essa comparação”. A aluna C do 1º semestre disse que, ao tempo em que existe esses padrões, as decisões éticas vão depender ainda do contexto no qual elas são tomadas, sobretudo a cultura da sociedade na qual o indivíduo está inserido. Mais uma vez, desse modo, retorna-se à relação entre ética e moral. Além disso, a ética é colocada, dessa forma, como algo relativo pelas alunas. A aluna A do 1º semestre afirmou ainda que, por conta disso, a ética não pode ser considerada universal.

Foi questionado aos pesquisados de uma maneira mais direta o que eles compreendem por ética, levando em conta as discussões já ocorridas. A aluna C do 3º semestre disse que a ética está ligada ao outro, mas que não existe um padrão na forma que define a forma com que a pessoa vai se comportar: “a ética muda de acordo ao tempo social, cultura e todo o contexto em que a pessoa se insere”. A aluna A do primeiro semestre complementou essa ideia dizendo que a ética só existe por causa desse contexto, porque as pessoas precisam se relacionar umas com as outras. Já a aluna B do 1º contestou essa fala dizendo que esse contexto seria mais ligado a moral.

Foi possível perceber que, como não existe um consenso sobre o que diferencia moral de ética, esse confronto, baseado no diálogo, gerou compreensões sobre o assunto. Isso foi perceptível, por exemplo, na fala da aluna C do 1º semestre, que, após ouvir os outros participantes do grupo focal, disse que compreende a ética como “um conjunto de valores que vão determinar a sua ação com o outro”. O aluno A do 3º semestre, por sua vez, afirmou que a ética é um meio de regulamentação da sociedade.

Quando perguntados se achavam que a ética é prescritiva, os pesquisados voltaram a discutir sobre os conceitos de moral e ética. A aluna C do 3º semestre disse que a tirinha da personagem Mafalda diz respeito a moral e não a ética. Então, a discussão implicou na tentativa de diferenciação entre ética e moral. O aluno A do 5º semestre disse que moral e ética não se desvinculam e que enquanto a moral nasce com a pessoa, a ética é adquirida. A aluna A do 1º semestre questionou se a moral não é um código adquirido também.

Ao perguntarmos se eles achavam que a ética poderia ser vista desvinculada da moral, houve um momento de silêncio e hesitação, o que podemos interpretar como uma demonstração de que ainda há, de modo geral, para os pesquisados, uma incompreensão acerca das relações entre os dois conceitos. A aluna A do 1º semestre, por exemplo, afirmou que “na verdade eu não sei nem definir a diferença de uma para a outra”, e, ao mesmo tempo, questionou: “será que a moral não é uma coisa que nasce com você ou também não é um código que você adquire pela sua formação?”. O aluno A do 5º semestre disse que talvez a moral vai se agregando ao indivíduo na medida em que ele vai conhecendo os preceitos éticos.

Para a aluna C do 3º semestre, a moral está relacionada com aquilo que há de mais profundo no ser humano, enquanto a ética seria algo externo a ele. O aluno A do 3º semestre apresentou uma compreensão parecida: “eu penso que talvez a moral possa ser um senso crítico em relação à ética”. Já o aluno B do também do 3º semestre disse achar que enquanto a moral é algo mais amplo, a ética seria mais restrita. Ao tentarem diferenciar ética e moral, foi possível perceber de modo muito claro uma confusão nas afirmações e explicações relatadas pelos pesquisados, sobretudo no que diz respeito ao emprego dos conceitos corretamente.

Foi perguntado aos participantes do grupo focal se eles já haviam parado para pensar na ética desde que ingressaram no curso. Entre as alunas do 1º semestre, a resposta foi unânime: dentro do curso, especificamente, não haviam ainda parado para pensar em ética. Já os alunos do 3º semestre afirmaram que já haviam parado para pensar sobre a ética. Dois deles, afirmaram que refletiram sobre a ética durante atividades práticas como a construção de reportagens. Foi citado, por exemplo, casos específicos em que um deles se sentiu confrontado com a ética, como na questão do emprego e da manipulação de falas de entrevistados. Já entre os dois alunos representantes do 5º semestre, foi a partir do momento em que começaram a cursar a disciplina Comunicação e Ética que pensaram,

de um modo mais direto, na ética em si e na importância de compreendê-la, o que pode ser percebido na seguinte fala?

Eu acho que a gente está lidando com a ética desde que a gente entrou no curso, mas não pensando nela diretamente. Acho que, por estarmos pegando a disciplina agora, isso pode ter direcionado o nosso pensamento, mas desde que a gente entrou no curso... por exemplo, a gente está escrevendo uma matéria, aí tem uma fala que não contempla tanto o que a gente está fazendo, a gente pensa ‘será que eu devo mudar isso?’. A gente não está pensando diretamente na ética, mas está ali a ética. Será que a gente deve fazer ou não? Mas para pensar nela mesmo eu acho que foi agora no 5º semestre, quando a gente abordou de fato o tema (ALUNA B – 5).

O segundo momento do grupo focal consistiu na exibição de um vídeo de uma charge animada de autoria de Maurício Ricardo que traz como temática o ensino da ética na universidade. No vídeo, um aluno do curso de Direito encontra um valor em dinheiro no chão do banheiro e é confrontado eticamente sobre se deve ou não procurar o dono para entregar ou ficar com o dinheiro para si. Na aula de ética, um aluno caracterizado como carente avisa que perdeu uma nota de vinte reais e pergunta se alguém havia achado. O outro aluno então pega o dinheiro e entrega para o colega. Após isso, ele descobre que foi tudo uma armação do professor da disciplina de Ética para demonstrar uma atitude ética. Entretanto, em um outro momento posterior a aula, é mostrado que o mesmo aluno que devolveu o dinheiro para o colega, comete uma ação considerada antiética por seus amigos, ficando, desse modo, o entendimento de que a conduta do indivíduo, nesse sentido, não parte de uma ética permanente, mas situacional e reflexiva e que, no final das contas, a faculdade não tem como ensiná-lo a ser ético, porque a ética é parte do estar ético, como dito anteriormente.

O vídeo teve o objetivo de estimular os pesquisados a pensarem sobre o papel do ensino ou da formação universitária para a compreensão da ética tida pelos estudantes. A aluna C do 3º semestre disse que, tomando como base o vídeo, ela acredita que a universidade abre caminhos para o estudante pensar sobre a ética, mas que “quem vai aprender mesmo somos nós, independente de faculdade, independente de instituição”. Para ela, o professor, no vídeo, ensinou para os alunos o que é a ética, mas de uma maneira antiética.

Partindo dessa deixa, foi, por fim, perguntado aos pesquisados sobre como eles veem a disciplina de Comunicação e Ética no currículo do curso. Para os estudantes do 1º e 3º semestres, que ainda não a cursaram, foi questionado em relação às expectativas

para a matéria e como eles acham que ela irá contribuir para a compreensão da ética no âmbito da formação em Jornalismo. O estudante B do 3º semestre disse que acredita que a disciplina irá contestar algumas certezas que ele possui acerca da própria ética e agregar conhecimentos em relação à área. Já o estudante A também do 3º semestre disse que espera ter uma grande base teórica de estudiosos que pensam a ética, considerando que, segundo ele, a discussão tida no grupo focal não foi fácil, principalmente no que diz respeito à diferenciação entre os termos moral e ética: “espero que pelo menos ajude a gente a ter uma compreensão mais clara de cada um desses conceitos”.

A aluna B do 1º semestre, por sua vez, já considerou a disciplina enquanto um lugar que possivelmente deverá servir de evolução e mudança para os alunos, a partir do estudo da ética: “talvez algumas pessoas mudem e outras não, talvez outras vão continuar sendo a mesma coisa, até porque a gente falou que [a ética] é coletiva mas eu ainda apelo muito para o individual”. Percebe-se que, diferentemente dos dois alunos anteriores, a aluna B demonstrou acreditar que a conduta individual dos alunos pode ou não ser modificada a partir da disciplina, o que caminha na contramão, por exemplo, do papel atribuído a ela por Santos (s.d).

A fala dos alunos do 5º semestre, que já cursaram a disciplina, teve uma relação mais direta com as considerações do estudante B do 3º semestre, já que, para eles, a disciplina se constituiu, principalmente, como instrumento catalisador para o questionamento de certezas tidas por eles anteriormente, sobretudo no que diz respeito a própria conduta enquanto futuro profissionais:

A gente meio que entrou com a certeza: “ah, eu nunca vou fazer isso porque é antiético”. E a matéria veio meio que questionar se (...) será que dentro de determinadas circunstâncias eu realmente vou ser ético? E o que é ser ético e o que é não ser ético? Ela não vem exatamente esclarecer para a gente o que é ser ético e o que é não ser ético, mas fazer a gente discutir (ALUNA B – 5)

O aluno A do 5º semestre ressaltou ainda que ele viu a disciplina muito mais como algo para o ajudar a compreender a ética do que a torna-lo ético. Com a disciplina, ele disse que pôde perceber como a ética está presente no conjunto das nossas decisões, da reflexão sobre determinadas situações.

Considerações finais

Após a reflexão gerada pelo grupo focal, a interpretação das discussões e as compreensões geradas, baseada nas diferenças entre os semestres e a relação com a disciplina, foi possível perceber um fator importantíssimo: o deparar-se com o assunto. Durante o curso de Jornalismo na Uesb, os alunos se deparam com a ética em diversas situações, mas não param para pensar sobre até cursarem a disciplina de Comunicação e Ética.

A partir das falas, foi perceptível que os alunos do 1º semestre têm uma visão mais utópica e geral da ética, enquanto, ao decorrer dos semestres, os alunos conseguem percebê-la no âmbito do jornalismo, atuando como jornalistas, fazendo entrevistas e escrevendo os textos. Esse processo se inicia, principalmente, no 3º semestre, quando é ofertada a disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso 1. Porém, somente no 5º semestre os alunos param para fazer o processo reflexivo que os direcionam a pensar sobre o estar ético durante a produção jornalística e sobre o próprio conceito de ética, de um modo mais aprofundado.

Desse modo, a disciplina de Comunicação e ética não atua como um meio de ensinar ética e sim pensar sobre e, assim, interferir na atuação desse aluno no mercado de trabalho. Essas considerações só foram possíveis através do das compreensões e do diálogo ocorrido no grupo focal, com a estimulação da discussão e o uso das memórias e histórias dos pesquisados.

Referências

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. Grupo focal – estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**: Curitiba, v. 9, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700/1408>>. Acesso em: outubro de 2017.

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. O mundo da saúde, São Paulo: 2011. Disponível em: <http://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf>. Acesso em: outubro de 2017.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO, Maria Inez. Por uma perspectiva deliberatória do currículo. In: **Revista da FAEBA**, Salvador, n. 5, jan/jun, 1996, p. 137-147.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1. v. 1, 2000. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/fenomenologia_modernidade.pdf>. Acesso em: outubro de 2017.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Como se ensina ética profissional? Pedagogias, metodologias e tecnologias adotadas por professores de jornalismo no Brasil. In: ENCONCTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 13. 2010. Recife: Universidade Católica do Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=637&cf=19>>. Acesso em: outubro de 2017.

DIAS, Claudia Augusto. **Informação & Sociedade, João Pessoa** v. 10, (2000). Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/36c7f81849d8050f01a906c125cdac3d/1?pqorigsite=gsc_holar&cbl=2030753> Acesso em: outubro de 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KREMER, Marietti Angéle. **A ética**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1989.

SANTOS, José Manuel. Ética da Comunicação. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-jose-manuel-etica-comunicacao.pdf>>. Acesso em: outubro de 2017.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. Tradução de João Dell'Anna. 17ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.